

A vida na cidade do gelo

A história de paixão e aventura da brasileira que deixou tudo para viver entre os esquimós da última fronteira americana

O avião estava pronto para pousar sobre a modesta pista do aeroporto de Barrow. Minha mãe havia pedido uma fotografia aérea, mas, quando saquei minha câmera e procurei pela cidade, só o que vi foi um plano claro, infinito, vazio. A paisagem lembrava uma folha de papel em branco, nada mais. Finalmente, no meio de tanta neve, surgiram algumas casinhas coloridas e a pista. O prédio do aeroporto era menor que o meu apartamento no Jardim Botânico, Rio. Eu estava em Barrow, Alasca.

Resolvi conhecer esta paragem remota quando soube que aqui os esquimós ainda caçam baleias em pequenos barcos a remo, feitos de madeira e cobertos com pele de foca. Exausta da minha rotina de repórter fotográfica pelas ruas movimentadas do Rio de Janeiro, eu precisava de férias diferentes — e onde eu pudesse também fotografar. Embarquei para um dos lugares mais frios e isolados do mundo: Point Barrow, no Alasca, o ponto mais setentrional do continente americano. Um lugar onde o Oceano Ártico permanece congelado durante nove meses do ano. Perto dali, com apenas 4 000 habitantes, Barrow é a maior cidade de esquimós do Alasca — 60% de sua população pertence à etnia inuípiat. Eu vim de férias, mas logo depois voltei para ficar. Casei e não convidei ninguém. Afinal, é tão longe que nem mesmo meus melhores amigos viriam.

texto e fotos LUCIANA WHITAKER

Com um trenó puxado por cães, a fotógrafa Luciana Whitaker (à esq. na foto abaixo) conheceu o Alasca há dois anos. Apaixonou-se, mudou para Barrow (à esq.) e hoje vive feliz com sua nova família



Barrow, norte do Alasca





SANGUE SOBRE A NEVE
Os pólos são ambientes insospitados nos quais ainda impera a lei do mais forte. No caso, a fome dos esquimós sobre as baleias. Não há nenhum interesse comercial no sangrento ritual. A carne é apenas dividida entre todos que participam da captura.

Do chão gelado não brotam alimentos. Assim, a sobrevivência dos esquimós do Alasca depende apenas da caça das baleias

Achados arqueológicos mostram que o norte do Alasca já era habitado entre os séculos 5 e 9 a.C. As referências históricas mais remotas dão conta de que a região era conhecida como Ukpeagvik, "lugar de caçar corujas da neve". Mas foi em busca das baleias que os homens brancos desbravaram o lugar e fundaram Barrow. No final do século XVII, os trajés femininos tinham uma armação, feita apenas com barbatana de baleia. Para atender a essa demanda, americanos vindos de São Francisco basearam na região suas estações de caça. O mais importante deles foi Charles Brower, que fundou a Cape Smythe Whaling & Trading em 1893. O edifício da companhia, de pé até hoje, é o mais antigo do Ártico. Charles Brower viveu quase sessenta anos em Barrow. Casou-se com uma

esquimó, teve muitos filhos e foi o primeiro homem branco a aprender a língua inupiat. A família



As mulheres de Barrow costumam as peles de foca que irão cobrir os barcos: tradição ancestral

lia Brower até hoje é enorme e a cidade tem dois bairros cujos nomes homenageiam seu fundador. Depois dos pioneiros caçadores vieram os militares, que entre as décadas de 40 e 50 fincaram nessa fronteira americana diversos radares e bases para a exploração de petróleo. A Marinha também construiu um laboratório de pesquisas. Nada deu certo. Barrow continua a ser apenas uma importante cidade de esquimós, a única do Alasca onde as bowheads aparecem na primavera e no outono. Elas vêm do sudoeste bordeando o Alasca em direção ao Canadá, na primavera. Quando passam por Point Barrow, afastam-se da costa, o que se repete no outono, quando elas voltam dos mares canadenses beirando a costa leste.

Fome e carne. Nos meus primeiros dias aqui, eu, vegetariana por amor aos bichos, não me sentia muito bem diante dessa necessidade de caçar para viver. Mas com o tempo entendi a importância da caça. O solo de Barrow, afinal, é quase sempre congelado. No verão aparece uma graminha rala, a tundra, o único vegetal que brota do gelo. Depois, a neve volta a cobrir tudo. Assim, a única alimentação possível para os esquimós sempre foi a carne. Carne crua, fervida, cozida, congelada, fermentada, ressecada, defumada...

UM ROMANCE NOS CONFINES DA AMÉRICA

Cheguei pela primeira vez ao Alasca em abril de 1996. Recém-saída de uma intensa paixão, eu precisava de férias inesquecíveis — e radicais. Resolvi, assim, me arriscar numa jornada pelo Parque Nacional Gates of the Arctic, viajando a bordo de um trem de cachorros. Ao lado de sete outros aventureiros, passei oito dias cruzando rios congelados e contemplando a aurora boreal do Ártico. E comecei a me apaixonar pelo Alasca e por sua gente.

Há muito tempo eu queria fotografar os esquimós que ainda caçam baleias tradicionalmente no norte do território e, como me restavam ainda duas semanas de férias, resolvi partir para Barrow. Durante o passeio de trem, eu havia conhecido um casal que me deu o telefone de amigos que moravam lá.

Antes de procurá-los, porém, passei minha primeira noite na cidade numa pousada simples. Sorte minha: quem abriu a porta para mim ali foi uma das meninas mais lindas que eu já havia visto na vida, uma esquimó de cabelos dourados e olhos verdes. Conte para a mãe dela que queria fotografar o ritual de caça da baleia e ela me disse que seu ex-marido, o pai da menina, podia me ajudar. Saí para ver os Jogos de Primavera, um evento importante que estava acontecendo naquele fim de semana. No caminho, um sujeito bonito e muito simpático conversou comigo.

A partir do segundo dia, fiquei hospedada na casa de Daniel e Ellen Frantz, que me levaram para ver sua equipe de caça de baleias abrindo uma trilha sobre o gelo do oceano. Ellen é neta

do famoso Charles Brower, um dos fundadores de Barrow, e eu estava feliz por estar morando em uma casa de esquimós. Até que uma noite o telefone tocou para mim. "Você quer ir ao gelo? Sabe quem está falando?" Era Kelly, o mesmo que eu tinha conhecido na rua e que, soube então, era o pai da menina de olhos verdes que abria a porta para mim na pousada.

Numa *snow machine*, passamos a explorar a região dia após dia. Às margens do mar semicongelado, encontramos pegadas frescas de ursos polares e um veielito solitário congelado. Escutamos em silêncio a respiração de baleias e, na minha última noite em Barrow, vi a primeira delas ser caçada pelos esquimós.

Voltei para o Rio de Janeiro e comecei a receber cartas e telefonemas diários de Kelly. Ele me convidou para ir morar com ele, mas... nem sequer tínhamos nos beijado! Nos encontramos em Seattle, nos Estados Unidos, num feriado de cinco dias. De lá, fomos de carro até o Canadá. E então voltei ao Brasil para buscar meu cachorro e pedir demissão do jornal onde trabalhava havia sete anos. Nos casamos e engravidei na lua-de-mel. Hoje, moramos na beira do Ártico com a Aidianna (a menina que abriu a primeira porta para mim em Barrow), James (nosso filho de 1 ano) e Toffee, meu cão labrador já adaptado ao frio e às surpresas do Alasca.



A garota Aidianna: a primeira pessoa que Luciana conheceu em Barrow hoje faz parte de sua família

A ÚLTIMA CIDADE
A brasileira Luciana Whitaker cruzou o continente para passar suas férias no Alasca. E hoje vive em Barrow, a mais setentrional das cidades norte-americanas.



CONFORTO GLACIAL

Nas difíceis jornadas de caça longe da cidade, os esquimós resistem em iglus à dureza do clima polar. Algumas dessas pequenas casas de gelo são decoradas com imensas ossas de baleias bowheads.



No inverno, uma noite de dois meses. No verão, um dia vale três meses. As estações mostram como tudo aqui é diferente

As estações do ano exemplificam bem as peculiaridades do cotidiano de Barrow. Durante o inverno, por dois meses inteiros, o sol não aparece — às 2 horas da tarde, é possível ver estrelas no céu! O que mais gosto no inverno é o silêncio e o espetáculo da aurora boreal. Ela surge como uma nuvem de tons verdes fosforescentes que se desloca por todo o céu. Às vezes chega também nas cores rosa, vermelho e amarelo. Já no verão, tudo muda. O sol reina soberano ao longo de três meses. A neve derrete e as ruas viram um rio de lama. Mesmo assim, as pessoas ficam alegres, sorriem para tudo e querem ficar fora de casa o dia inteiro. Às 11 horas da noite, o ensolarado parque de diversões ainda está cheio de crianças.

Os mais jovens podem ficar pelas ruas até tarde, porque não há violência urbana. As pessoas só andam armadas por causa dos ursos polares — todos que saem dos limites da cidade costumam levar suas espingardas. Há 50 quilômetros de estradas ao redor de Barrow, mas elas, na prática, não levam a lugar nenhum. Simplesmente começam e acabam na tundra. Por isso, para chegar aqui, só mesmo de avião ou barco, se o oceano não estiver con-

gelado. A solução são os típicos trenós de cachorro e as *snow machines*, pequenos veículos a motor especiais para a neve. Mary Edwardsen, a “mãe-esquimó-adotiva” de meu marido, Kelly, lembra que seu pai era o carteiro local. Ele deixava Barrow num trenó com a correspondência e ia até Point Lay, a uns 300 quilômetros de distância. Só voltava três meses depois. Hoje, tais exemplos de sacrifício diante do isolamento já não existem mais: os jatos pousam no aeroporto local até três vezes ao dia.

Por essas e outras, não dá para estranhar a mistura do arcaico e do moderno numa cidade cujo comércio organizado gira em torno de três mercados, quatro locadoras de vídeo e dois bares — e nenhum cinema, infelizmente. Algumas casas têm um computador sempre plugado na Internet, mas, por outro lado, seus moradores nunca souberam o que é ter água en-

Barrow não é apenas neve e escuridão. No verão, o frio continua, mas o sol ilumina e renova a vida na cidade



canada. Os banheiros têm uma espécie de penico, sempre limpo pelo pessoal do serviço sanitário municipal, que chega logo depois de um telefonema. Mas, se falta saneamento básico, Barrow dá exemplos na educação: a escola local tem piscina semi-olímpica aquecida, quadras de esportes, auditório, piano e um sofisticado sistema de transmissão de aulas pela televisão, via satélite, para outras vilas isoladas do norte do Alasca.

Fiquei fascinada ao perceber que em Barrow a cultura esquimó convive bem com a tecnologia. Para se ajustar aos novos tempos, estudiosos adaptaram palavras como sociologia ou cardiograma ao idioma inupiat. Na Illisagvik, a faculdade local, as mulheres mais velhas ensinam as novas gerações a extrair, a desfilar e a trançar o tendão do caribu — uma espécie de rena — para fazer o fio que será usado na costura das peles de foca dos barcos para a caça das baleias. A cultura dos esquimós inupiat baseia-se na sua histórica relação com as baleias bowheads, que se chamam assim por ter a ossatura da cabeça em forma de arco. A bowhead é



A trajetória circular das estrelas e as nuvens coloridas da aurora boreal: no céu de Barrow, um show da natureza durante a longa noite invernal

longo tempo de exposição do filme “congelam” a trajetória circular das estrelas no céu polar. Uma imagem que ajuda a visualizar o movimento de rotação da Terra em relação ao seu eixo.

O CÉU EM MOVIMENTO

A longa noite do inverno do Alasca revela um dos mais belos fenômenos naturais conhecidos: a aurora boreal, as luzes coloridas que brilham no céu do Ártico de novembro a março. Os cientistas explicam a aurora como resultado da atração dos pólos magnéticos da Terra sobre elétrons carregados de eletricidade que emanam do sol — o chamado vento solar. Assim que chegam às primeiras camadas de ar ao redor do globo, essas partículas provocam uma descarga elétrica e se “acendem” em relâmpagos silenciosos e coloridos, que se movimentam sem parar. Já algumas fotos feitas com



O Oceano Ártico fica congelado nove meses por ano. Diante das armadilhas do gelo, alguns veleiros acabam presos. E só podem voltar a navegar quando o verão chega

a única baleia que não teme o oceano congelado: com sua cabeça, que mede um terço de seu comprimento total — até 20 metros —, ela quebra o gelo da superfície quando quer respirar. Sua carne, vital para a sobrevivência dos inupiat, nunca é vendida, mas sempre repartida entre todos que ajudaram a caçar, a rebocar e a cortar o animal. No dia seguinte à captura, o capitão da equipe de caçadores abre as portas de sua casa para todos que quiserem entrar e buscar sua porção de carne. A baleia também é servida em almoços no Dia de Ação de Graças, no Natal e em todas as festas típicas esquimós.

Sorvete de foca. Uma dessas festas é a Nalukatak, que acontece todo final de junho em agradecimento pelas baleias caçadas na primavera. É o maior evento do calendário esquimó. Vestidos com suas roupas típicas mais bonitas, todos se reúnem para comer diferentes quitutes de baleia, sopa de caribu e pato e até o curioso sorvete esquimó, feito com gordura de foca. Entre um prato e outro, as pessoas divertem-se saltando num cobertor de pele de foca — o mesmo que forra o barco de caça da baleia. Um grupo segura e estica o cobertor, fazendo dele uma inusitada cama elástica. Depois, seguem-se cerimônias de orações, dança e música esquimó.



O ESPÍRITO SELVAGEM
O Oceano Ártico semicongelado caracteriza a costa do Alasca, um território cujas fronteiras sempre desafiaram os limites e a imaginação dos autênticos aventureiros — ou todos aqueles que buscam conhecer a natureza selvagem.

Luciana adaptou-se à cultura e ao frio do Ártico. Graças a uma receita simples: o calor humano do povo de Barrow

O freezer das casas é um quarto cavado 2 metros de profundidade, onde a carne da baleia é guardada durante todo o ano. Hoje, se fossem proibidos de caçar, muitos esquimós poderiam ir ao mercado comprar banana ou brócolis, entre outros vegetais — como eu faço. Sua cultura, porém, estaria ameaçada. As roupas, por exemplo, são feitas com pele de foca. Os dentes e as barbatanas das baleias, além do marfim das morsas, são a matéria-prima do artesanato nativo. E, por mais cruel que possa parecer o ritual de morte das baleias, é preciso ponderar que os próprios esquimós são os maiores preocupados com a continuidade da espécie. Baseado num censo sempre atualizado da população de bowheads, os moradores de Barrow definem uma cota de animais para a caça ao longo de um ano.

Uma das raras vezes que Barrow saiu do anonimato foi em 1988, quando três baleias ficaram presas no

Aos 8 anos, as crianças de Barrow já aprendem a caçar. Na proa do barco, o menino espera a chegada das focas



gelo. Para salvá-las, as pessoas cavaram buracos nas plataformas de gelo até que elas puderam respirar e voltar ao mar aberto. Um navio quebra-gelo russo ajudou na operação. E a imprensa do mundo inteiro documentou o heroísmo dos esquimós. No Rio de Janeiro, me lembro de ter acompanhado com emoção o drama das baleias pela televisão. Na época, jamais poderia imaginar que, em pouco menos de dez anos, Barrow seria o meu lar.

Boa acolhida. O tempo passa e cada vez gosto mais daqui. Sempre me perguntam se minha adaptação foi difícil. E sempre digo que não. A manta feita com carinho pela minha querida “meio-sogra” Mary me mantém aquecida. A família é grande e o povo é maravilhoso. Como os locais, saio em nossa camionete para passear na tundra no verão. Me divirto procurando pedacinhos de marfim nas pedras da praia. Crio meu filho e meu cachorro livres pela imensidão do Alasca. Tenho um marido que me ama e todo o inverno para descansar do imenso dia de verão. 

PARA IR MAIS LONGE

Fifty Years Below Zero – A Lifetime of Adventure in the Far North, livro de Charles Brower, lançado pela editora Universidade do Alasca. <http://www.touch-alaska.com>, site com informações sobre Barrow.